

A estranha beleza da língua Portuguesa ou O candidato

Post (0096)



Um político que estava em plena campanha chegou a uma pequena cidade, subiu para o palanque e começou o discurso:

– Compatriotas, companheiros, amigos! Encontramo-nos aqui, convocados, reunidos ou juntos para debater, tratar ou discutir um tópico, tema ou assunto, o qual me parece transcendente, importante ou de vida ou morte.

O tópico, tema ou assunto que hoje nos convoca, reúne ou junta é a minha postulação, aspiração ou candidatura a Deputado estadual.

De repente, uma pessoa do público pergunta:

– Diga-me, porque é que o senhor utiliza sempre três palavras, para dizer a mesma coisa?

O candidato respondeu:

– Pois veja, meu senhor: A primeira palavra é para pessoas com nível cultural alto, como intelectuais em geral; a segunda é para pessoas com um nível cultural médio, como o senhor e a maioria dos que aqui estão; a terceira palavra é para pessoas

que têm um nível cultural baixo, pelo chão, digamos, como aquele bêbado, ali deitado na esquina.

De imediato, o bêbado levanta-se a cambalear e 'atira':

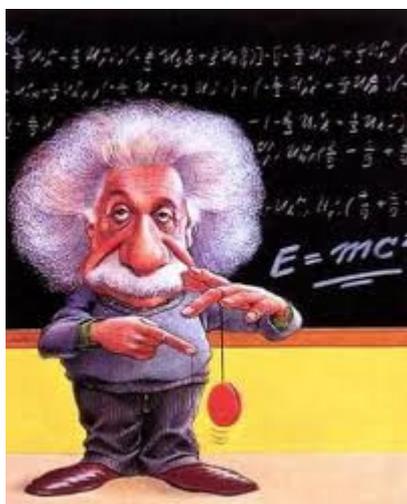
– Senhor postulante, aspirante ou candidato:

(hic) O fato, circunstância ou razão pela qual me encontro num estado etílico, alcoolizado ou mamado (hic), não implica, significa, ou quer dizer que o meu nível (hic) cultural seja ínfimo, baixo ou mesmo rasteiro (hic).

– E com toda a reverência, estima ou respeito que o senhor me merece (hic) pode ir agrupando, reunindo ou juntando (hic) os seus haveres, coisas ou bagulhos (hic) e encaminhar-se, dirigir-se ou ir direitinho (hic) à leviana da sua progenitora, à mundana da sua mãe biológica ou à puta que o pariu!

Não sei quem é o autor, recebi por email...- NG Canela – Setembro de 2010

Relatividade



Post (0059)

Um Quociente apaixonou-se doidamente por uma Incógnita.

Olhou-a com seu olhar inumerável e viu-a da base ao ápice. Uma figura ímpar de olhos rombóides, boca trapezoidal, corpo ortogonal e seios esferoidais. E fez da sua vida uma paralela à dela, até que se encontraram no Infinito.

– Quem tu és? Indagou ele, em sua ânsia radical.

– Sou a soma do quadrado dos catetos, mas podes me chamar Hipotenusa.

E ao se falarem descobriram que eram o que, em aritmética, corresponde a almas gêmeas: Primos-entre-si. E assim se amaram ao quadrado da velocidade da luz, numa sexta potenciação, traçando linhas retas, curvas, círculos e senoidais ao sabor do momento e da paixão.

Escandalizaram-se os ortodoxos das fórmulas euclidianas e os exegetas do universo finito. Romperam convenções newtonianas e pitagóricas e, enfim, resolveram somar-se, constituir um lar, mais que um lar, uma perpendicular.

Convidaram para padrinhos o Poliedro e a Bissetriz. Fizeram planos, equações e diagramas para o futuro, somados a uma felicidade integral e diferencial.

Casaram-se e tiveram uma secante e três cones muito engraçadinhos.

E foram felizes até àquele dia em que tudo, afinal, tende a se dividir.

Foi então que surgiu o Máximo Divisor Comum, frequentador de círculos concêntricos e viciosos. Ofereceu, a ela, uma grandeza absoluta e reduzindo-a a um denominador comum.

Ele, quociente, percebeu que com ela não formava mais um todo, uma unidade. Era o triângulo, chamado amoroso e desse problema ela era a fração mais ordinária. E como Einstein ao descobrir

a Relatividade, tudo que era espúrio passou a ser normalidade, como, aliás, em qualquer teorema. **CQD**

Texto equacionado por um amigo – NG Canela – Setembro de 2010.